

DEDICAÇÃO NARCÍSICA À PERDA SIMBÓLICA DA INFÂNCIA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Vanessa Moro Nogueira Costa

Apoio: PIVIC Mackenzie

Eduardo Fraga de Almeida Prado

Centro de Ciências biológicas e da Saúde (CCBS)

10390600@mackenzista.com.br

eduardo.prado@mackenzie.br

RESUMO

Ao apreender a sociedade moderna, é percebido um sentimento socialmente constituído do que é a infância, o ser em constituição e necessitado de cuidados. A percepção do que é este novo conceito também é vivida pelo sujeito experienciando essa etapa do ciclo vital fase. Esta etapa se encerra com o início das exigências de maior complexidade prática e simbólica, especialmente na perspectiva utilitária atual, a partir da qual todo investimento idealmente busca resultar em produção. Esta pesquisa de caráter bibliográfico-analítico de revisão busca hipotetizar uma emergente desorganização resultante deste contexto, derivada de uma constituição, não suficientemente boa, à luz da metapsicologia de Donald Winnicott. O sujeito diante da possível ausência de mecanismos complexamente correspondentes às exigências simbólicas que lhe são apresentadas pelo contexto social contemporâneo, experiencia um sentimento de perda que, pode gerar um retraimento em direção ao Eu originando pontos de congelamento no processo de amadurecimento do self e, conseqüentemente criando um cenário de possível matriz melancólico dado à perda de aspectos diretamente relacionados ao sentimento de infância. Assim criando uma circunstância de dedicação ao estado melancólico vivido pela perda simbólica da infância.

Palavras-chave: Infância, luto, objeto, simbólico, investimento

ABSTRACT

Apprehending the modern society, it's perceived a social constructed feeling of what is childhood, the being in constitution and in needs of care. The perception of what is this new concept is also experienced by the own subject living this stage. Naturally, this stage ends with the appearance of bigger and more complex requirements in the practical and symbolic matter, especially in the current utility logic system, where every investment ideally seeks to result in production. This analytical-bibliographic project intends to hypothesize an emerging disorganization resulting from this context, due to unsatisfactory egoic constitution, this is, non-sufficient, by the light of Donald Winnicott's metapsychology, this is, in a not sufficient matter. Therefore, the subject, in the absence of complex mechanisms correspondents to the societies symbolical needs, experiences a feeling of loss that, at this moment cannot realize and much less name, hence, they withdraws themselves in a movement of a narcissistic libidinal redirection, the self freezes, and creates a dedication to a melancholic state lived by the symbolical loss of the childhood.

Keywords: Childhood, grief, object, symbolic, investment

1. INTRODUÇÃO

É entendido que no período da infância o indivíduo desenvolve habilidades e delimitações egóicas necessárias para tornar-se um self integrado e funcional, pelo que se compreende a partir da Teoria do Desenvolvimento Emocional de Donald Winnicott. Esta pesquisa teve por objetivo a intenção de mapear possíveis acontecimentos e falhas durante a construção do sujeito que o leva a organizar-se narcisicamente¹ após o fim da fase da infância, devido a uma perda de caráter simbólico, inconsciente, dos elementos que constituem o sentimento de um estado infantil. Para que seja possível discorrer sobre essas conquistas ou falhas egóicas, faz-se necessário entender o que é compreendido nesta pesquisa como infância.

O termo infância é um marco temporal, independente da descrição a partir do entendimento social da experiência humana em cada contexto histórico, a ideia de infância tem como essência a delimitação do início e do fim de um aglomerado de experiências. A partir disso, cada momento civilizatório descreve essa fase de forma diferente, atendendo a concepções sociais, biológicas, produtivas, territoriais, religiosas, e mercantis de cada época.

Toma-se como primeira aparição de uma compreensão histórica do que é a infância, pensamentos da Idade Média (ARIÉS, 2006), época essa datada entre os séculos V e XI. Como explicitado anteriormente, a descrição dessa etapa da vida deriva-se da cultura e produções sociais de cada época. Estudos históricos indicam que artistas do século X e XI não retratavam a infância com importância, ela era entendida apenas como um período de transição entre dependência e vida adulta, portanto, a recordação dessa fase não era vivenciada pelos produtores de conhecimento e arte. É interessante observar que neste primeiro momento é criado um fenômeno que se perdura por séculos, tomando outra forma apenas na modernidade, fenômeno este o de “adultificação” da infância, ou seja, a partir do momento que a criança não se encontra mais completamente dependente de cuidados básicos, a mesma é inserida no mundo adulto, em todos os aspectos. Importante também delimitar que neste momento histórico, século

¹ O termo “narcisicamente” articula-se em nome do conceito “narcisismo”, que pode ser definido a partir da seguinte apresentação de Freud, em sua obra “*Introdução ao Narcisismo*” (1914): “O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Năcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual (...) Neste caso [neurose] o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação” (1914, p. 14-15). Este conceito será explorado mais detalhadamente neste trabalho posteriormente.

X-XI, o período da infância, mais conhecido como período de transição, perdurava até os 3-4 anos de vida, após essa idade era entendido que o indivíduo poderia contribuir com a sociedade e frequentar o cotidiano adulto como tal.

Já no início do século XIII começa a surgir percepções similares com o que seria compreendido na modernidade como infância (ARIÉS, 2006), acontecimento resultante da crença religiosa, que elaborou a ideia de infância sagrada, tendo a criança um símbolo próprio, o de pureza. O símbolo atribuído a essa etapa da vida, nos séculos XV e XVI, transforma-se da pureza para uma inexperiência, vê-se a criança como um sujeito “leigo” em meio a pessoas formadas, ou seja, adultos.

Ariés (2006) enfatiza que neste momento histórico, a mortalidade infantil é um fator de grande relevância. Entende-se que parte do desinvestimento do adulto no universo infantil parte do pressuposto da fragilidade da criança, “As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual.” (ARIÉS, 2006, p. 21). Portanto, vínculos mais próximos e profundos começaram a ser criados apenas no século XVI, após a ascensão do malthusianismo, lógica que prevê o controle da prática sexual com a intenção de alinhar o crescimento demográfico e a produção de alimentos e a criação de métodos contraceptivos (HOUAISS, 2001).

Dessa forma, ao final do século XVI e início do século XVII, após a vinculação da criança na sociedade, ela enfim se difere do adulto em representações artísticas e em percepção social, destinam-se estudos, construções morais, e relevância para essa nova figura nomeada, a criança.

Esses elementos aprimoram-se e se especificam cada vez mais com o passar dos séculos, formando o que se entende atualmente como o sentimento contemporâneo a respeito da criança. Símbolos do que é ser uma criança formaram uma rede de significações, e a sociedade organiza-se na tentativa de atender as necessidades deste ser em constituição, a partir do entendimento que uma criança que experiencia uma infância suficientemente boa, torna-se um adulto saudável, pensamento este psicanaliticamente transcrito por Winnicott (1951; 1954-1955; 1983).

Em luz do que foi compreendido como infância na atualidade, evidencia-se um sentimento, que não é apenas percebido pelo terceiro à criança, mas sim por ela própria, onde o psiquismo infantil apoia-se no sustento do outro para se estabelecer da forma que é, a princípio, demandado pela sociedade. Não obstante, o infante moderno necessita dessa criação de significantes, apresentação de objetos e expansão de fenômenos transicionais, para que haja a capacidade de simbolizar e constituir-se no mundo moderno com um self integrado e autoral. “As bases da saúde mental são lançadas na primeiríssima infância pelas técnicas naturalmente utilizadas por uma mãe preocupada em cuidar de seu bebê” (WINNICOTT, 1952, p. 393)

Com o sentimento moderno ²de infância, surge uma resposta para quando recursos psíquicos suficientes não foram promovidos à criança, e a mesma, em uma realidade simbolicamente complexa, se depara com esta ausência.

Para refletir sobre a carência dos cuidados ambientais, o objetivo desta pesquisa é compreender os possíveis efeitos derivados da ausência de um ambiente facilitador na constituição do self a partir da teoria do desenvolvimento emocional de Donald Woods Winnicott.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A infância é um período do ciclo vital de profundos investimentos libidinais e criações de símbolos, efetuados por instituições como: família, religião, sistema educacional, e atualmente, a mídia, investimentos estes que atuam na constituição do sujeito (FREUD, 1920). É compreendido à luz de Freud (1920) dois importantes movimentos: O investimento recebido por um objeto, e a identificação com um objeto.

Ele [menino] mostra, então, duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe, um investimento objetual direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. As duas coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma à outra. Com o incessante progresso na unificação da vida psíquica. (FREUD, 1920, p. 47)

Em conformidade com as lógicas de investimento apresentadas, para possibilitar a reflexão crítica a respeito dos investimentos infantis e capacidade de posteriormente se relacionar com um objeto em compreensão de sua externalidade comparado ao seus conteúdos, Winnicott (1954-1955) reflete outros estágios do desenvolvimento que ocorrem concomitante

² O pressuposto do surgimento de uma subjetividade contemporânea pode ser melhor compreendido na obra de Luís Claudio Figueiredo e Luiz Ribeiro Santi: “Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência.” (2010), onde é elaborado o conceito de “subjetividade privatizada” (p. 19).

ao processo descrito acima, referentes também às relações objetais, e com ênfase na personalização e conquistas na vida instintiva e relações interpessoais.

O complexo de Édipo caracteriza o desenvolvimento normal ou saudável das crianças, e a posição depressiva é um estágio normal no desenvolvimento de bebês saudáveis (assim como a dependência absoluta, ou narcisismo primário, um estágio normal do bebê saudável no início ou logo depois.) (WINNICOTT, 1954-1955, p. 437)

No artigo: “A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal” (1954-1955), Winnicott compreende a conotação negativa para um fenômeno intitulado “depressivo”, não obstante, o autor enfatiza que essa etapa é essencial para a conquista da integração do self, capacidade de se relacionar, e constituição de uma vida instintiva. Dito isso, essa etapa é essencial para elaborar uma hipótese referente às possíveis turbulências no processo integrativo, visto que Winnicott afirma: “a criança (ou pessoa adulta) que está prioritariamente às voltas com os problemas inatos da integração da personalidade e iniciando o relacionamento com o meio ambiente ainda não alcançou a posição depressiva em seu desenvolvimento pessoal.” (WINNICOTT, 1954-1955, p. 438).

Anterior a compreensão do que concerne a conquista da posição depressiva, é de interesse destacar que essa etapa acontece tipicamente no período do desmame, entretanto, Winnicott (1954-1955) clarifica que não necessariamente ela será alcançada, e tão pouco fixada de forma satisfatória.

Outro aspecto elaborado pelo autor é a condição para conquista da posição depressiva, sendo ela a capacidade de se relacionar com um objeto total, isto é, o sujeito em questão se percebe e se delimita como um self integrado, e após essa percepção relaciona-se com algo externo à si e o entende como um objeto diferente dele. Um exemplo de tal condição é a primeira posse, melhor elucidada adiante.

Naquilo que toca às conquistas da posição depressiva, o primeiro movimento feito a partir do sustento materno é a integração da cisão. Winnicott (1954-1955) explicita que inicialmente o bebê percebe a mãe (o outro) como um objeto de amor, contudo, em momentos de satisfação instintiva o bebê elabora uma nova perspectiva da mãe, a mãe atacada, e a priori a compreensão de que ele na verdade ataca a mesma mãe que ama, lhe é impensável, mas caso o bebê possua sustento ambiental, ele é capaz de tolerar este fato. Em conjunto com essa aquisição, possibilita-se a integração de outras experiências emocionais essenciais para

processos saudáveis posteriores, o reconhecimento da fantasia e consequentemente sua distinção da realidade, e o discernimento da realidade interna e externa.

Outro desenvolvimento da experiência emocional vivida neste período é a capacidade de ofertar, conquistada a partir de duas experiências vividas durante a amamentação: a imaginação de um buraco no corpo da mãe, e o sentimento de coisas boas e ruins percebidas pelo bebê. Assim como nos processos anteriores, o sustento do ambiente faz-se indispensável para que as consequências dessas ansiedades sejam positivas. Em um cenário ideal, o bebê é capaz de oferecer coisas boas e ruins que possui, e a mãe, deve receber como uma doação e diferenciar a natureza de cada um. Winnicott (1954-1955) então argumenta que o bebê neste momento sente-se capaz de atuar sobre o buraco imaginado que lhe traz angústia, alcançando uma das principais experiências da posição depressiva, a capacidade de reparação.

Ainda referente ao buraco imaginado, o bebê depara-se pela primeira vez com o sentimento de culpa, visto que seus impulsos instintivos originaram este buraco. Por mais que esse sentimento possa apresentar uma conotação negativa, o surgimento da culpa indica sucesso nessa fase, pois a partir da realização de que seus impulsos podem ferir o objeto amado, e da tolerância do ambiente para com as agressões instintivas, o bebê ao sentir culpa pode tolerar a existência deste buraco, pois entende que “algo pode ser feito sobre o ocorrido”. O autor explica: “Na operação do círculo benigno, a compaixão torna-se tolerável para o bebê com o reconhecimento recém-despertado de que, havendo tempo, algo pode ser feito a respeito do buraco e das várias consequências dos impulsos do id sobre o corpo da mãe.” (WINNICOTT, 1954-1955, p. 451).

Com a segurança da capacidade de reparação, uma vida instintiva mais arriscada pode intensificar-se nas experiências do bebê, o que resulta em um ambiente interno melhor constituído e seguro, sucedendo a diminuição gradual da necessidade do sustento ambiental.

O mundo interno do bebê é constituído por: “experiências instintivas, substâncias incorporadas, mantidas ou eliminadas, e relacionamentos totais ou situações magicamente introjetadas” (WINNICOTT, 1954-1955, p. 454), mas tal mundo é apenas constituído a partir dos eventos supracitados e, com o alcance da posição depressiva, pode-se conceber: “forças em conflito; objetos ou material objetal, bons e maus; materiais percebidos como bons, introjetados

para fins de enriquecimento e estabilização; material percebido como mau introjetado no intuito de ser controlado.” (WINNICOTT, 1965-1955, p. 455)

Com o conhecimento que o mundo interno é composto de experiências instintivas e fenômenos dessa natureza, esta pesquisa também interessa-se em investigar mecanismos do ego emergente descritos pelo autor como defesas contra a ansiedade depressiva, que é manifestada como a relativa inibição dos instintos e a diminuição das sequelas das experiências instintivas, consequentemente afetando o mundo interno em questão (WINNICOTT, 1954-1955). Faz-se requerido mencionar tais defesas por relacionarem-se com o estado melancólico que será apresentado futuramente neste trabalho. Essas defesas são: encapsulação, introjeção de um objeto idealizado, ocultação em segredo de coisas boas, projeção mágica do objeto bom e/ou mau, e negação. Entende-se que essas defesas serão mais ou menos eficientes, mais ou menos organizadoras para o sujeito que as experiencia, incluindo, a reação à perda.

Winnicott ainda destaca o pensamento freudiano referente à organização libidinal perante a perda de um objeto investido e articula as constatações apresentadas sob as circunstâncias desse evento.

quando a posição depressiva foi alcançada e plenamente estabelecida num indivíduo, a reação à perda é de dor, ou tristeza. Se ocorreu alguma falha na posição depressiva, a consequência da perda é a depressão. O luto significa que o objeto perdido foi magicamente introjetado e está lá sujeito ao ódio (Conforme Freud mostrou). A meu ver, isso significa que é possível seu contato com elementos persecutórios. Incidentalmente, o equilíbrio de forças no mundo interno é perturbado, de modo que os elementos persecutórios aumentam enquanto as forças benignas ou apoiadoras são enfraquecidas. Surge uma situação de perigo, e o mecanismo de defesa que consiste em amortecimento generalizado produz um estado de depressão. (WINNICOTT, 1954-1955, p. 458)

Em circunstâncias da não aquisição satisfatória da posição depressiva, o sujeito não beneficia-se de ferramentas psíquicas para elaborar a perda do objeto. Quando não há a diferenciação do mundo externo e interno, o objeto perdido não é uma perda externa, pois não foi discernido a natureza das posses, logo, o objeto “sou eu”. Esta identificação ocorre pois o abalo nos elementos percebidos mobiliza as defesas mencionadas, como, por exemplo, a introjeção, projeção, negação, e outras defesas enunciadas também por Freud (1915) em suas reflexões sobre luto e melancolia que foram mencionadas por Winnicott (1954-1955).

Freud (1915) inaugura a ideia do luto como um estado psíquico onde há uma perda concreta, resposta à retirada de qualquer objeto amado do espaço físico ou realidade do

indivíduo em questão, como por exemplo, a perda de um ente querido, um imóvel que foi destruído, entre outras relações em que o indivíduo investe libido em um objeto que não existe mais.

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que não lembra o falecido –, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor – o que significaria substituir o pranteado –, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Logo vemos que essa inibição e restrições do Eu exprime uma exclusiva dedicação ao luto, em que nada mais resta para outros intuítos e interesses. (FREUD, 1915, p. 173).

Freud (1915) descreve também a melancolia como um estado mental que comporta as mesmas características do luto, no entanto, difere deste no seguinte aspecto:

A melancolia caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima (...) não podemos discernir claramente o que se perdeu, e é lícito supor que tampouco o doente pode ver conscientemente o que perdeu. (...) diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda. (FREUD, 1915, p. 172, 175).

Winnicott (1983) observa que as perdas podem provocar uma angústia de aniquilamento no sujeito emergente, uma sensação de não continuidade ou ameaça a vida, provocando um congelamento do desenvolvimento e criação de uma falsa identidade, nomeado de Falso Self.

O Falso Self é como se fosse um protótipo do que viria a ser o self se os processos integrativos se desdobrassem de forma satisfatória. O falso self desempenha uma função de proteção e máscara para o ego emergente ameaçado. Winnicott (1983) argumenta que todos contam com uma porção de falso self, entretanto, no que concerne às reflexões desta pesquisa, o falso self domina o ser, impedindo aquisições muito importantes mencionadas anteriormente, como experiências instintivas e diferenciação externo-interno.

Quando a adaptação da mãe não é suficientemente boa de início, se pode esperar que o lactente morra fisicamente, porque a catexia dos objetos externos não é iniciada. O lactente permanece isolado. Mas na prática o lactente sobrevive, mas sobrevive falsamente. (...) Nesta segunda fase, em que a mãe não pode se adaptar suficientemente bem, o lactente é seduzido à submissão, e um falso self submisso reage às exigências do meio e o lactente parece aceitá-las. Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama, seca, tia, irmão ou quem quer que no momento domine o cenário.

O falso self tem uma função positiva muito importante: ocultar o self verdadeiro, o que faz pela submissão às exigências do ambiente. (WINNICOTT, 1983, p. 134)

Em última instância, tornando-se novamente à o que se entende como constituição saudável do bebê em unidade, para que seja possível justificar uma causalidade complexa para o problema aqui pesquisado, é igualmente fundamental investigar a aquisição de posses e relações com o outro, inicialmente não separado de si, mas posteriormente compreendido como externo.

Em “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1951), o autor defende que um processo essencial para o bebê atingir o estágio de unidade é a transição da estimulação oral para a brincadeira e apropriação de objetos, este momento é nomeado de área intermediária, mas também conhecido como fenômenos transicionais. Durante este período o sujeito em constituição experiencia sua primeira posse “não eu”, isto é, sua primeira relação com um objeto que lhe será considerado externo. Ele ainda não percebe este objeto como externo, mas também não é entendido por ele como parte de seu corpo, objeto este nomeado como transicional (WINNICOTT, 1951).

Fenômenos transicionais [designam] a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção daquilo que já foi introjetado, entre o desconhecimento inicial da dívida e o reconhecimento da dívida (...) o uso de objetos que não fazem parte do corpo do bebê, mas ainda não são totalmente reconhecidos como pertencentes à realidade externa (WINNICOTT, 1951, p. 14, 15).

O objeto transicional é uma posse abstrata ou concreta do bebê, não é necessariamente um item, o seio materno, a própria mãe, uma palavra, cobertor, ou ursinho de pelúcia, qualquer elemento externo apropriado de forma independente pelo bebê pode ser um objeto transicional. Este conceito refere-se a algo que ele entende como de seu controle onipotente, e, para que essa relação seja instituída, é necessário que o indivíduo acredite que ele é o criador e dominador deste objeto, por mais que essa onipotência seja testada gradativamente. Dessa forma, a função deste objeto, além de constituir a fase de transição do bebê de estados primitivos à uma existência personificada, contribui para a sustentação do bebê por curtos períodos de ausência da mãe tornando menos ameaçadora a separação.

A posse e manuseio do objeto transicional e manutenção dessa relação só é possível através de um estabelecimento satisfatório do objeto interno, movimento possibilitado pelos cuidados suficientemente bons do ambiente, sendo assim, o objeto transicional depende do objeto interno, e o objeto interno depende do objeto externo. O diálogo dessas três realidades garante o desenvolvimento emocional positivo do bebê.

O bebê pode utilizar um objeto transicional enquanto o objeto interno está vivo, é real e suficientemente bom (...) este objeto interno depende da existência, da vivacidade e do comportamento do objeto externo. O fracasso do objeto interno em alguma função essencial leva indiretamente à apatia ou à característica persecutória do objeto interno. Após a persistência da inadequação do objeto externo, o objeto interno deixa de ter sentido para o bebê e somente então o objeto transicional também perde o sentido. O objeto transicional pode, portanto, fazer as vezes do seio “externo”, mas apenas indiretamente ao fazer as vezes do seio “interno”. (WINNICOTT, 1951, p. 27).

É de interesse enfatizar por quais funções psíquicas a aquisição destes objetos são responsáveis. A partir da apropriação do primeiro objeto transicional, e sucesso do mesmo, o bebê começa adquirir uma sequência de mecanismos componentes do desenvolvimento emocional, passando de um estado de potencial criativo e exploração objetal para percepção e simbolização de objetos “Quando o simbolismo é empregado, o bebê já consegue distinguir claramente fantasia e fato, objetos internos e externos. criatividade primária e percepção” (WINNICOTT, 1951, p. 21). Sobretudo, o objeto marca a evolução do bebê de sair do estado de fusão com a mãe, iniciar um estado de relação com um objeto externo à ele e percebê-lo como um objeto inteiro externo ao seu eu, também inteiro. Portanto, a partir disso, faz-se possível a conquista da posição depressiva.

Portanto, diante de um ambiente facilitador, o bebê é sustentado e não invadido durante suas descobertas. Obtém-se como resultado um desinvestimento gradual do objeto transicional, e este perde sua significância. Na sequência, há o entendimento da relação com objetos externos a partir da simbolização, e não é mais ameaçador relacionar-se com objetos externos ao self. Após essa conquista, a libido desinvestida do objeto transicional é redirecionada e o campo de interesses do bebê, agora constituído, se expande.

3. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico-exploratório. Selecionou-se previamente os referenciais da metapsicologia abordada, a fim de alcançar o conhecimento do problema de pesquisa em questão para que houvesse a possibilidade de analisar o fenômeno de forma cientificamente válida, isto é, submetida às métricas acadêmicas, como sugere Cervo & Bervian (1983) referente à pesquisas de caráter bibliográfico.

Dessa forma, foi elaborada uma leitura sistemática da literatura selecionada dentre as diferentes obras de Sigmund Freud e Donald Woods Winnicott.

Foram também elaboradas leituras adicionais de artigos científicos relativos à infância, simbolização, e luto, identificados nas bases de dados google acadêmico e Scielo (scientific electronic library online).

A partir de tais leituras, foram realizados fichamentos abrangendo os textos considerados mais relevantes.

4. RESULTADOS

O que pode contribuir para o sofrimento emocional ao considerarmos o fim da infância enquanto uma etapa do ciclo vital?

Pode-se argumentar a favor de que se mecanismos e funções psíquicas não foram satisfatoriamente desenvolvidas e integradas, a criança, ao ser exposta às demandas simbólicas e sociais não foram satisfatoriamente desenvolvidos durante o processo de maturação do ser, logo, ao ser exposto a demandas simbólicas apresentadas a partir da saída do estado infantil, esta depara-se com conteúdos que seu self não adquiriu capacidade de compreender e elaborar, gerando a reação à perda relativa a um sistema pré posição depressiva.

4.1. ENRIJECIMENTO DE OBJETOS E DEFESAS PRIMITIVAS

Na situação de dedicação narcísica à perda simbólica da infância, não há evidências da ausência da aquisição e manipulação de um primeiro objeto percebido como externo a si, afinal, a perda indica uma posse em primeiro lugar, mas isso não garante o sucesso na elaboração desta perda. Para o autor: “Em condições saudáveis, entretanto, ocorre uma extensão gradual do campo de interesse do bebê e, futuramente, esse campo estendido se mantém, mesmo diante da ansiedade depressiva” (WINNICOTT, 1951, p.18). A não expansão certifica um investimento limitado e de baixa estabilidade, e experiências instintivas distantes da criatividade enriquecedora e fortalecedora do ambiente interno.

Deve-se destacar que os estados insatisfatórios são clarificados pelo autor como normais na infância, entretanto, ao alcançarem outras fases sem tais conquistas, o ego depara-se com ameaças que requerem defesas complexas, mas seu repertório limita-se à respostas primitivas. Neste contexto: “O senso de perda pode se tornar uma maneira de integrar a própria experiência de si mesmo” (WINNICOTT, 1951, p. 44); “ele [o analista, neste caso o objeto em questão]

pertence ao domínio precário que a pessoa tem sobre a representação interna de um objeto perdido” (WINNICOTT, 1951, p. 47)

No trecho acima, quando o autor faz uso da expressão: “domínio precário”, ele se refere à simbolização, melhor dizendo, a ausência desta. Os símbolos são indispensáveis para o diálogo subjetivo entre realidade e fantasia, em contrapartida o objeto de primeira posse faz parte do domínio da ilusão, anterior ao estabelecimento de uma relação mais profunda com a realidade externa.

Dessa forma, pode-se argumentar a favor de que a posse foi adquirida, mas investimentos não foram expandidos, e ao deparar-se com a finitude do que a infância representa, defesas primitivas foram utilizadas para responder à possibilidade da ausência deste período, visto que a presença do objeto investido [infância] não foi substituído com outros investimentos.

4.2. A SIMBOLIZAÇÃO E A PERDA

“É verdade que a ponta do cobertor (ou algo equivalente) simboliza um objeto parcial, como o seio. Ainda assim, o que importa não é tanto seu valor simbólico, mas sua concretude. O fato de ser o seio (ou a mãe), ainda que seja real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe).

Quando o simbolismo é empregado, o bebê já consegue distinguir claramente fantasia e fato, objetos internos e externos, criatividade primária e percepção” (WINNICOTT, 1951, p. 21)

Neste trecho o autor enfatiza que a aquisição de um objeto transicional pressupõe o início da simbolização, como por exemplo, chupeta = seio materno. O interessante para essa pesquisa, e para o autor, não é o representante de tal objeto transicional, mas sim a dimensão desta simbolização. A lógica chupeta = seio implica que não há capacidade de simbolização desenvolvida e internalizada pelo bebê, por mais que ele esteja investindo neste objeto devido ao simbolismo empregado, a simbolização como conceito requer o conhecimento do “investidor” de que são coisas diferentes, como no exemplo³ promovido pelo autor.

³ “Por exemplo, se pensamos na hóstia, que simboliza o corpo de Cristo na Sagrada Eucaristia, acredito que tenho razão ao dizer que para a comunidade católica romana ela é o corpo de Cristo, ao passo que para a comunidade protestante ela é um *substituto*, uma forma de recordar, não se tratando, de fato, do próprio corpo. Ainda assim, em ambos os casos trata-se de um símbolo.” (WINNICOTT, 1951, p. 21)

O não alcance da simbolização implica na não representação e não expansão do campo de investimentos, visto que a expansão requer o desinvestimento gradual dos impulsos instintivos no objeto transicional, e redirecionamento para outros campo de interesses, e essa possibilidade necessita de uma percepção do que é interno e externo, do que é fato e o que é fantasia, resultados estes da capacidade de simbolização. Quando não há representação, as experiências instintivas e qualquer reação psíquica não alcança um espaço consciente no sujeito, como apresentado previamente (WINNICOTT, 1954-1955, p. 458), neste caso, diante da perda a resposta não é a tristeza, é a melancolia.

Quando o objeto não é desinvestido voluntariamente, mas sim perdido, este não se encontra simbolizado e, desta forma, sua perda é inconsciente, e as reações perante ela são primitivas.

Nas reações primitivas, há um estado de investimento narcísico a partir da perda pela dificuldade de sustentar a ausência do objeto perdido.

O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para o outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. (...) Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu. (FREUD, 1914-1916, p. 181)

4.3. A RECRIAÇÃO MÁGICA NA AUSÊNCIA DA REPARAÇÃO E RESTITUIÇÃO E OUTROS MECANISMOS DA POSIÇÃO DEPRESSIVA

No que concerne a posição depressiva, as análises apresentadas neste excerto consideram que essas conquistas não foram adquiridas satisfatoriamente. Em primeiro momento, como enfatizado nos resultados anteriores, a barreira externo e interno encontra-se extremamente fragilizada, o objeto externo perdido foi internalizado de forma mágica e idealizada. Winnicott (1954-1955) descreve a conquista da integração da cisão como um momento onde o sujeito consegue tolerar que a mãe amada é a mesma que a atacada, entretanto, no processo de melancolia, é inconcebível que o objeto perdido foi mal ou possuía qualquer natureza negativa, pelo contrário, ele é internalizado como ideal e o Eu se apropria de qualquer sentimento negativo, intensificando ainda mais a cisão (mecanismo primitivo de defesa). “Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação” (FREUD,

1915, p. 181). Portanto há uma fusão “Eu - Objeto perdido”, e cisão, onde um fica com todo ruim, e o outro fica com todo bom.

Ainda no campo da introjeção, é observado o fenômeno da culpa irreparável, assim como no buraco percebido na mãe, o sujeito em situação de perda entende suas atuações instintivas sobre o objeto como antecessor da perda, mas nada mais pode ser feito sobre essas experiências, pois o objeto foi perdido e a capacidade de reparação e restituição não foi adquirida, muito menos em um nível simbólico, dessa forma, a recriação mágica prevista por Winnicott (1954-1955) se manifesta no processo, assim o objeto não é perdido em níveis libidinais, pois de certa forma ele se mantém vivo no investimento em si mesmo, magicamente.

4.4. A PERDA SIMBÓLICA DA INFÂNCIA

Apesar do esclarecimento dos fatores que levam a um estado de dedicação narcísica, ausência de integração, cisão de potências, etc. Ainda é necessário apresentar o que leva esta pesquisa a explorar a perda especificamente da infância, e o que a faz propriamente simbólica.

É apreendido em primeiro lugar uma infância, como descrito a partir de Ariés (2006), um compilado cenário de experiências e estado evolutivo que a sociedade nomeia e significa como infância. Em conjunto, a psicanálise entende como um momento de constituição, aquisições, e sustento, onde o sujeito idealmente é tolerado e nutrido de significantes e facilitadores de interações e posteriores investimentos e posses.

Em um cenário onde a porção de constituição não é satisfatória, como já mencionado, o sujeito se encontra em um estado desamparado referindo-se à defesas do ego. Sua falta de representantes atua na não percepção de diversos fenômenos que ocorrem em sua volta, incluindo o movimento social de percepção da saída da infância, isto é, momento onde a sociedade moderna não mais compreende este sujeito como infantil e suas exigências simbólicas e práticas crescem gradualmente.

Este sujeito, hábil ou não para decodificar este acontecimento, sente os efeitos de tal mudança, mas não a vive no campo simbólico, onde consegue conceber o desamparo e agir perante a ele, similar ao bebê agindo perante o buraco da mãe. No lugar dessa resposta, há uma negação do estado “afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de

desejo alucinatório” (FREUD, 1915, p. 174), e dedicação libidinal ao evento a partir da introjeção dessa perda “a libido livre não foi deslocada para um outro objeto, e sim recuada para o Eu (...) serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto recai sobre o Eu” (FREUD, 1915, p. 181)

Devido a dado contexto essa perda é nomeada de perda simbólica, aludindo o termo luto simbólico, evento onde há uma perda que resulta numa resposta de luto, mas não há dimensão simbólica do que foi perdido, assim como na melancolia.

Enfatizando os mecanismos winnicottianos para explicação de tal resposta: O sujeito em questão se encontra em um estado de sofrimento psíquico pois não adquiriu ferramentas para identificar o que é externo a ele e o que de fato é uma ameaça a sua integração, retrai-se e congela seu self ameaçado de descontinuidade, o que resulta em uma perda da capacidade de investimento libidinal e retraimento do mesmo para fins de manutenção de sua vida instintiva, agora experienciada com cautela.

Enfim entende-se que com um sentimento intenso de infância, surge uma resposta ao não atendimento do que é esperado pelo sujeito que a vivência. Winnicott (1954-1955) descreve estados patológicos em adultos devido a não instauração da posição depressiva, este projeto busca teorizar a ascensão de um novo fenômeno que advém deste, resultado da implementação do símbolo da infância, mas da ausência de estrutura para mantê-la.

4.5. REGRESSÃO EM ANÁLISE

No presente momento as evidências que garantem a validade da hipótese apresentada foram articuladas de forma a trazer ao leitor entendimento do que é compreendido como causas e topografias do estado de dedicação narcísica à perda simbólica da infância. Neste momento, é de interesse utilizar a metapsicologia do autor direcionador da pesquisa, Donald Winnicott, para atender as demandas clínicas de dado estado.

Em “Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico” (1954), o autor reflete sobre o atendimento clínico e as classes de pacientes a partir de sua organização psíquica, os pacientes inteiros, personalidades em ascensão e em consolidação da posição depressiva, e pacientes cuja demandas referem-se a questões de desenvolvimento

emocional e sem a presença de uma base sólida. Nitidamente percebe-se que o terceiro grupo concerne o estado apresentado nesta pesquisa. Para esta circunstância, neste capítulo o autor organiza uma técnica de manejo intitulada de regressão em análise (WINNICOTT, 1954).

Em antemão é enfatizado que essa regressão não é a regressão descrita no capítulo “Retraimento e Regressão” (1954), visto que a regressão como técnica apresenta uma abordagem organizada e guiada pelo analista com a finalidade de reconstruir fases do desenvolvimento não alcançadas no momento esperado. Essa diferença também foi destacada pelo autor neste mesmo capítulo (WINNICOTT, 1954, p. 470).

Sob essa perspectiva, Winnicott esclarece que para que a técnica seja aplicável o seguinte cenário é percebido:

“Uma falha na adaptação por parte do ambiente, resultando no desenvolvimento de um falso self; A crença numa possibilidade de correção de falha original, representada por uma capacidade latente de regredir, que implica uma organização egóica complexa; uma provisão ambiental especializada, seguida por uma regressão propriamente dita.” (WINNICOTT, 1954, p. 466)

Partindo do pressuposto, já defendido nesta pesquisa, de que essas condições se fazem presentes no sujeito em questão, e que há um congelamento do self verdadeiro e domínio do falso self em resposta à ausência de mecanismos satisfatórios para reagir à perda, é indiscutível a aplicabilidade dessa técnica de manejo, visto que dessa forma “trazer dentro de si a esperança por uma nova oportunidade de descongelar a situação congelada (...) oportunidade também para o ambiente (...) de realizar uma adaptação adequada, ainda que tardia” (WINNICOTT, 1954, p. 470).

Ademais, é necessário clarificar a categoria de regressão aplicada neste cenário, sendo ela a proposta pelo autor como: retroceder para uma situação primitiva de falha. Essa técnica tem como objetivo reparar o que ocasionou a falha no desenvolvimento emocional do sujeito a partir da recriação do ambiente com condições agora favoráveis. O autor melhor clarifica com os seguintes tópicos:

Provisão de um setting que proporcione confiança; regressão do paciente à dependência, com a devida consciência dos riscos envolvidos; o paciente tem a noção de um novo senso de si e o self até aqui oculto rende-se ao ego total. Nova progressão do processo individual que estava paralisado; descongelamento de uma situação de falha do ambiente; a partir da nova posição de força do ego, raiva relativa à falha inicial, sentida no presente e expressada; saída da regressão à dependência, em progressão organizada em direção à independência; desejos e necessidades instintivos tornam-se realizáveis de modo genuinamente vigoroso e vivaz. (WINNICOTT, 1954, p. 475)

Outrossim, a técnica de regressão também atende uma questão essencial no fenômeno estudado. Como destacado por Freud (1915), a perda simbólica é resultado de uma perda inconsciente, não é conhecido pelo sujeito o que foi perdido. Não obstante, Winnicott (1954) destaca que a regressão também é um trabalho de descobertas históricas, conhecimento do que antecedeu os sintomas do sujeito, consequentemente atendendo a necessidade “arqueológica” para o manejo da porção simbólica do fenômeno.

Por conseguinte, em um cenário de sucesso, o paciente: (1) regride com o auxílio do analista; (2) seu ego é sustentado pelo analista e um ambiente suficientemente bom é promovido; (3) o paciente é capaz de vivenciar as experiências instintivas e ser tolerado; (4) seu objeto perdido é simbolizado; (5) a capacidade de reparação é adquirida e a recriação mágica não é mais requerida como defesa; (6) a libido é reinvestida de forma economicamente saudável, proporcionando a capacidade de criação.

A revisão bibliográfica analítica possibilitou a compreensão dos fenômenos hipotetizados à luz da metapsicologia winnicottiana, confirmando a hipótese de manifestações derivadas da falha na constituição do sujeito que resultam em um estado melancólico nesta pesquisa intitulado como perda simbólica. Essa ideia sustenta-se devido às evidências expostas que o estado melancólico, dedicação narcísica, possui as mesmas topografias e possui as condições necessárias criadas por tais falhas. A partir disso, há um retraindo do Eu nomeado de congelamento do self.

Advém dessa defesa promovida pelo sujeito, a hipótese da intervenção clínica de Donald Winnicott (1954) Regressão em Análise, ferramenta que torna possível, com o auxílio do analista, possibilitar que o sujeito retome processos essenciais para seu desenvolvimento emocional e instintivo, e em subsequência adquirir mecanismos complexos para manejar não só a perda simbólica em questão, mas quaisquer conteúdos ameaçadores, e garantir uma vida instintiva criativa, restitutiva, e reparadora.

5. CONCLUSÃO

A revisão bibliográfica analítica possibilitou a compreensão dos fenômenos hipotetizados à luz da metapsicologia winnicottiana, confirmando a hipótese de manifestações derivadas da falha na constituição do sujeito que resultam em um estado melancólico nesta pesquisa intitulado como perda simbólica. Essa ideia sustenta-se devido às evidências expostas

que o estado melancólico, dedicação narcísica, possui as mesmas topografias e possui as condições necessárias criadas por tais falhas. A partir disso, há um retraindo do Eu nomeado de congelamento do self.

Advém dessa defesa promovida pelo sujeito, a hipótese da intervenção clínica de Donald Winnicott (1954) Regressão em Análise, ferramenta que torna possível, com o auxílio do analista, possibilitar que o sujeito retome processos essenciais para seu desenvolvimento emocional e instintivo, e em subsequência adquirir mecanismos complexos para manejar não só a perda simbólica em questão, mas quaisquer conteúdos ameaçadores, e garantir uma vida instintiva criativa, restitutiva, e reparadora.

6. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Maria José da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981 [1960].

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo*. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1914]. p. 14–50. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. In: **FREUD, Sigmund.** *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1915]. p. 170–194. (Obras completas, v. 12).

FIGUEIREDO, Luís Claudio M.; SANTI, Luiz Ribeiro. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2010. p. 104-132

WINNICOTT, Donald W. *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*. In: **WINNICOTT, Donald W.** *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1954-1955]. p. 437-461.

WINNICOTT, Donald W. *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico*. In: **WINNICOTT, Donald W.** *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1954]. p. 462-485.

WINNICOTT, D.W. *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self*. In: **WINNICOTT, D. W.** *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1983. p. 128-139

WINNICOTT, Donald W. *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: **WINNICOTT, Donald W.** *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1953]. p. 13-51.

WINNICOTT, Donald W. *Retraimento e Regressão*. In: **WINNICOTT, Donald W.** *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1954]. p. 427-436.

WINNICOTT, Donald W. *Sonho, fantasia e vida: caso clínico que descreve uma dissociação primária*. In: **WINNICOTT, Donald W.** *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1971]. p. 52-68.